

Ian Watt

MITOS DO
INDIVIDUALISMO MODERNO

*Fausto, Dom Quixote,
Dom Juan, Robinson Crusoe*

Tradução:

MARIO PONTES

Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

Em abril de 1951 publiquei o ensaio intitulado "Robinson Crusoe como um mito". Era assim que eu o iniciava:

"Habitualmente não pensamos em Robinson Crusoe como um romance. A primeira criação de porte na ficção de Defoe parece situar-se melhor ao lado do Fausto, Dom Juan e Dom Quixote, os grandes mitos da nossa civilização. É muito fácil dizer de que tratam esses mitos. Seus enredos básicos, suas duradouras imagens, mostram os protagonistas envolvidos de forma exclusiva com uma das aspirações características do homem ocidental. Cada um deles corporifica uma areté e uma hubris: uma excepcional bravura e um ruinoso descomedimento, em esferas de ação de particular importância na nossa cultura. Dom Quixote, a generosidade impetuosa e a cegueira limitativa do idealismo cavalheiresco; Dom Juan, possuído e ao mesmo tempo atormentado pela ideia da ilimitada experiência com as mulheres; Fausto, o grande conhecedor, cuja curiosidade, sempre insatisfeita, acabará por levá-lo à danação."¹

Hoje talvez eu não escrevesse o mesmo sobre essas figuras. Minha visão de Dom Quixote, Dom Juan e Fausto no artigo sobre Crusoe era uma forma confusa e subliminar de reinterpretação romântica de mitos criados muito antes do romantismo. Já não penso que a danação de Fausto se deva antes de tudo à curiosidade. Já não estou certo de que Dom Juan tenha realmente se atormentado. E não tenho mais certeza nem mesmo de que Dom Quixote fosse inteiramente autêntico em sua generosidade. Mas ainda vejo Dom Quixote, Dom Juan, Fausto e Robinson Crusoe

como poderosos mitos, capazes de repercutir de modo muito especial em nossa sociedade individualista.

Descobri recentemente que Salvador de Madariaga, diplomata e erudito espanhol, investiu parcialmente na mesma idéia. Em *The Genius of Spain* (Oxford, 1923) ele escreveu:

"Vamos dar os nomes dos quatro maiores personagens da literatura européia. Hamlet e Fausto são dois deles; os outros dois vêm da Espanha: Dom Quixote e Dom Juan, e eles são os maiores entre os quatro. Hamlet tem muitíssimo de um sonho e Fausto muitíssimo de uma idéia. Já Dom Quixote e Dom Juan são homens de carne e osso, e irão viver e florescer enquanto os homens forem movidos pelo amor à justiça e pelo amor à mulher."

Foi gratificante encontrar alguém que viu da mesma perspectiva três dos meus quatro personagens. Mas para Madariaga, claro, Hamlet era o quarto. Isso poderia justificar-se, decerto, pela riqueza psicológica que Shakespeare conferiu ao seu personagem: mas em termos de fama mundial entre pessoas de todas as classes, Hamlet não responderia satisfatoriamente. Sua fama é mundial, sem dúvida, mas penso que é mais acadêmica do que popular. Ao que parece, Robinson Crusoe desempenha o papel de mito popular muito melhor do que ele.

Meu intuito neste livro é fornecer um estudo histórico. A maioria dos mitos do mundo ocidental origina-se de figuras ou histórias clássicas e bíblicas. Ainda me lembro do quanto me entusiasmei ao saber que Fausto, Dom Quixote e Dom Juan não eram nem clássicos nem bíblicos, mas criações modernas; e mais ainda, o fato de terem aparecido na literatura durante um período de trinta a quarenta anos – do Fausto no *Faustbuch* de 1587, ao Dom Juan da peça *El Burlador*, que embora publicada somente em 1630 foi escrita provavelmente entre 1612 e 1616. O período em questão foi aquele que os historiadores denominaram de Contra-Reforma, no decorrer do qual as forças da tradição e da autoridade uniram-se contra as novas aspirações do individualismo renascentista na religião, no cotidiano, e na literatura e na arte. A Contra-Reforma foi particularmente importante na Espanha, onde a ordem medieval manteve-se por mais tempo do que em qualquer outro lugar – e onde se originaram tanto Dom Quixote quanto Dom Juan.²

Fausto, Dom Quixote e Dom Juan caracterizam-se igualmente pelas energias positivas e individualistas do Renascimento;

cada um deles quer seguir o seu próprio caminho, e não o dos outros. Mas eles próprios entram ideológica e politicamente em conflito com as forças da Contra-Reforma; e são punidos por isso. E pecadores, é claro, são sempre mais interessantes do que santos.

Robinson Crusoe pode ser visto como um articulado portavoz das novas atitudes econômicas, religiosas e sociais, as que vieram logo após a Contra-Reforma; e no contexto do desenvolvimento do individualismo, a tardia data de sua criação – 1719 – deve ser vista como algo que pesa no argumento geral do livro. A completa mudança na maneira de ver esses quatro mitos, ocorrida no período romântico, traz consigo uma dupla confirmação do que foi dito. Com o crescente domínio do novo individualismo foram eliminados os elementos punitivos da Contra-Reforma existentes nas versões originais; e uma visão mais simbólica, na verdade transcendental, mudou o modo como até então os quatro personagens eram compreendidos. No século XIX, todos eles difundiram-se pelo Ocidente inteiro, tornaram-se internacionais e adquiriram um status de universalidade.

Dois comentários sobre a natureza desse status. Em primeiro lugar, é obviamente menos sagrado, menos peremptório e menos universalmente aceito do que são os mitos nas sociedades tradicionais. Nenhum dos quatro combina por inteiro com as descrições de mito feitas por Malinowski para quem ele "expressa intensificação e codificação de crenças... não é um conto ocioso, mas uma força ativa cuidadosamente invocada; não é a explicação intelectual de uma imagem artística, mas uma carta pragmática da fé primitiva e da vontade moral."³ Em segundo lugar, é verdade no entanto que as figuras examinadas neste livro adquiriram um status ligeiramente diverso daquele alcançado pelos personagens da maioria dos romances e peças: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robinson Crusoe existem numa espécie de limbo, onde talvez não sejam vistos como personagens verdadeiramente históricos, mas também não como simples invenções de natureza ficcional.

Neste livro não uso o termo mito em seu sentido mais comum de crença falsa ou imprecisa. Esse sentido as vezes ainda é aceito tal como foi apresentado em sua antiga e primeira definição positivista no *Oxford English Dictionary*: "uma pessoa ou objeto fictício ou imaginário". De outro lado, não concordo com a visão implícita na obra de alguns modernos antropólogos e críticos da cultura, que, partindo da correta crença de que o

homem não é um ser inteiramente racional, chegam de um salto à conclusão, nem sempre clara mas nem por isso menos convincente e desejável.⁴ Procuo ser mais empírico e descritivo. Aceito, é claro, a visão de que histórias míticas são de certa maneira simbólicas; ou seja, tendem a adquirir significados mais duradouros e mais permanentes do que denotam as suas representações cultas: mas esses significados não estariam acima e além da razão. A definição que Victor Turner fez do mito como "narrativas sagradas" que "nascem de transições" me parece apenas um pouco excessiva em sua dimensão absoluta.⁵ Meus quatro mitos não são propriamente "sagrados", mas derivam da transição do sistema social e intelectual da Idade Média para o sistema dominado pelo pensamento individualista moderno, e essa transição foi ela própria marcada pelo notável desenvolvimento de seus significados originalmente renascentistas para os seus atuais significados românticos.

Portanto, a definição de *mito* com que trabalho no momento de escrever a abertura deste livro é: "uma história tradicional largamente conhecida no âmbito da cultura, que é creditada como uma crença histórica ou quase histórica, e que encarna ou simboliza alguns dos valores básicos de uma sociedade."

PARTE I

TRÊS MITOS DO RENASCIMENTO